



A escrita de si: história e memória no diário de uma adolescente (Castanhal, 1990-1994).

FERNANDA JAIME ANDRADE

Universidade Federal do Pará

O enfoque pretendido para os diários da adolescente Lucy partiu dos trabalhos do historiador francês Lejeune (2008), no sentido de pensar de que maneira diários de uma pessoa desconhecida pode nos oferecer uma fração do meio social e cultural no qual o indivíduo está ou estava inserido. Como também da renovação da própria pesquisa histórica, a partir da Escola dos *Annales*, que sustentou a ideia de que “tudo o que, pertenceu ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (Le Goff, 1990, p. 540). Ratificamos a possibilidade de ter diários íntimos como fonte da investigação histórica, sobretudo porque os diários, apesar de conter grande carga de subjetividade, como qualquer documento, nos possibilitam outro olhar sobre o passado, portanto, são documentos históricos.

Resguardando-nos das possíveis armadilhas que esse tipo de fonte pode apresentar, como a demasiada subjetividade e o efeito de verdade, ele pode nos remeter a uma espécie de registro histórico, onde é comentado – com ou sem intencionalidade – através da conversa que o escritor estabelece consigo mesmo, elementos da sociedade e do tempo em que vive (Henrique, 2009. P. 93). Portanto, a investigação que será empreendida objetiva demonstrar através dos diários de Lucy a possibilidade de analisar os elementos constituintes do mundo cultural e social da autora.

No campo cultural nota-se nas páginas dos diários que eventos teatrais e musicais ocorriam em datas específicas, ou religiosas: “Depois do recital de piano vamos à ‘feirarte’. Vamos assistir um espetáculo na feirarte com um grande grupo folclórico do Moju.” (Diário de Lucy, 1992. P. 143) O evento ocorria em junho, por aproximadamente dez dias, ficando claro nestes dias a intensa movimentação na cidade, pois grupos musicais de outros municípios se apresentavam nele, como foi o caso do grupo Mosaico de Ravena. Este é o momento de exacerbação de uma cultura dita “regional”, de constituição de uma “identidade local” de “paraense”, tão presente nos diversos festivais que ocorriam pelo Estado. O grupo Mosaico de Ravena, por sinal, tornou-se símbolo desse movimento criando uma espécie de hino da identidade local, a música Belém-Pará-Brasil.



Além dessas manifestações ocorriam festas em “Terreirões”, por conta da quadra junina. Nestes momentos surgia oportunidade de encontrar amigos e parentes que moravam em outras cidades, bem como de pequenas transgressões: “Foi tão bom. O Mosaico de Ravena fez um show. Horrível! Ainda teve uma correria lá... sorte que eu tava com o Bruno. Nessa hora eu apertei a mão dele... quase não solto. Foi reação imediata.” (Diário de Lucy, 1993. p. 168). Nas linhas seguintes a autora confessa o receio dos pais saberem do ocorrido, pois neste dia flertou com o amigo.

O estudo de diários está inserido no ramo de pesquisa denominado “escrita de si”, recente no Brasil, sobretudo na História, na qual a produção com esse tipo de fonte ainda é incipiente - porém, tão crescente a ponto de ser encontrada numa série de capítulos de livros nos quais se discute as fontes históricas, por exemplo, *Escrita de si, escrita da história* (Gomes, 2004), *O historiador e suas fontes* (Pinski e Luca, 2009).

A “escrita de si” constitui ramo de pesquisa sobre registros íntimos que engloba todo tipo de suporte caracterizado como tal, como diários íntimos, cartas, bilhetes, arquivos pessoais ou de famílias e demais formas de registros individuais (Cunha, 2001, p. 253). Todos são fontes de pesquisa que subsidiam obras nas áreas de Antropologia, Sociologia, Filosofia, História, Educação, Letras e Psicologia, especialmente nas últimas três áreas onde, na atualidade, tem apresentado maior incidência de trabalhos.

Na História, o diário íntimo passou a ser considerado importante fonte a partir da renovação da pesquisa histórica com a Escola do *Annales*, como possibilidade de “compreender práticas culturais de uma época, ressaltar elementos para o entendimento de vidas comuns e/ou entrecruzar fatos e tempos e analisar os diferentes sentidos que os marcaram” (Cunha, 2001, p. 52). Segundo Cunha (2001, p. 52), apesar dos diários íntimos serem fontes denominadas de *escritas ordinárias*, permite “aos historiadores rastreamos muitas das maneiras de viver e de pensar de determinada época, dadas a ver, no tempo presente”. E justamente a partir da Escola dos *Annales*, novas abordagens históricas passaram a utilizar o diário íntimo enquanto fonte de pesquisa. Segundo a pesquisadora, os registros *ordinários* podem abranger hoje os campos de saber da História Cultural; História da Sensibilidade; História do Presente; História dos Costumes e História da Mentalidade.

Para Cunha (2001, p. 253), os diários se constituem enquanto portadores de sensibilidades, antes que qualquer característica, pois eles possibilitam a “compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor e ressentimentos, mas que também são marcados pelos freios morais de determinada época”. Segundo Sandra Pesavento (2006, p. 253), “a sensibilidade está no cerne de discussões da História Cultural, haja vista, que propõe a trabalhar com as formas pelas quais os homens representam a si e o mundo”, ou seja, diários íntimos “capturam as sensibilidades do passado”, atravessados pelos dilemas do mundo em que se inserem.

As razões para a escrita de um diário pessoal são inúmeras, Manuel Alberca (2000, p. 258) identificou três principais funções: terapêuticas, éticas e estéticas. Contudo, seja qual for a função escolhida pelo autor, o diário pessoal consente visualizar, através do registro produzido individualmente, traços culturais de um capital de vivências da época de quem o escreveu (Cunha, 2001, p. 259). Ainda permite a “metamorfose de si próprio no tempo”, a autocriação, a autoinvenção, a possibilidade, ao escrever, de se produzir (Henrique, 2009, p. 51). Exemplo é o ideal de beleza apresentado pela autora, repetidamente ao longo da escrita dos diários, ela apresenta uma imagem de si de forma negativa e pejorativa: “Decidi fazer regime. Estou ficando gorda e feia. ‘Fofolete do demo’” (Diário de Lucy, 1996, p.141).

Os primeiros trabalhos utilizando diários íntimos como fonte de pesquisa no Brasil fizeram uso de diários de pessoas famosas e influentes socialmente como o de D. Pedro II (Lapa, 1976); do presidente Getúlio Vargas (Vargas, 1995); do general Couto de Magalhães (Magalhães, 1998); o diário de Bernardina, filha do presidente Benjamin Constant (Castro, 2004); do cronista e compositor dos anos 1950 Antônio Maria (Maria, 2002); entre outros. Para Lejeune (2008, p. 101), os diários de pessoas famosas acabam sendo publicados “por serem documentos interessantes para a história dos costumes e das mentalidades”, outros, em geral, são publicados para fins de atender a curiosidade do público.

Com a renovação da pesquisa de diários íntimos, ocorrida na França, os diários de pessoas desconhecidas passaram a servir de fonte para pesquisas históricas. Lejeune (1989) iniciou as primeiras pesquisas com esse tipo de diários, buscando trazer a vista, aqueles suportes que eram esquecidos em sótãos e armários. Para o estudioso do diarismo, estes alfarrábios



possuem grande valor de pesquisa, pois neles estão “impressões pessoais sobre fatos diversos, registros de momentos de êxitos e fracassos diante de crises, arquivos de histórias para auxiliar em uma futura narrativa memorialística, amores contabilizados, bens materiais, livros lidos, ensaios de pretensões literárias, relatos de aventuras de viagens, a educação dos filhos (...)”, bem como uma infinidade de outros temas (Lejeune apud Barcellos, 2007. P. 49). Lucy nos apresenta algumas dessas impressões ao abordar seu sentimento em relação à nova escola, na qual se sentia excluída em classe: “É horrível ser detestada pelos colegas de sala” (Diário de Lucy, 1993. P 39).

O estudo de diários íntimos no Brasil tem adeptos. Na atualidade existem muitos diários publicados e estudos em diversas áreas de conhecimento que tem os diários íntimos – de pessoas conhecidas ou de pessoas anônimas – como principal foco de discussão e investigação. Tanto na área de História, como em Antropologia, em Psicologia, em Letras, existem trabalhos que utilizam os diários como principal fonte de investigação. Exemplo disto é a obra de Marina Maluf (1995), sobre os diários de duas mulheres do século XIX do interior paulista e a tese de doutorado de Márcio Couto Henrique (2008), na área de Antropologia, sobre o diário íntimo do general Couto de Magalhães (publicada em 2009 pela editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

Contudo, a grande maioria dos diários publicados e utilizados em pesquisas ainda são os diários de pessoas famosas ou personalidades, sendo que os diários íntimos de pessoas comuns ainda estão na margem dos estudos, sobretudo, em História. Um dos trabalhos mais recentemente publicados foi o resultado da pesquisa de Vania Grim Thies e Eliane Peres (2009), em Educação, sobre os diários de um agricultor, na qual abordam a partir dos registros de uma pessoa comum questões relativas à educação no campo.

Consequentemente, entendemos esta pesquisa como mais uma contribuição para as discussões acerca do estudo de diários e a produção historiográfica da região Norte, haja vista que as pesquisas em História, na região, pouco tem utilizado este tipo de fonte para produzir trabalhos. Através de nossos questionamentos pretendemos ratificar que o trato com fontes produzidas na esfera da subjetividade podem apresentar ricas informações do passado ou até mesmo proporcionar uma releitura de determinado acontecimento ou momento histórico. Até porque os próprios elementos considerados como componentes da subjetividade também são

delimitados socialmente.

Os diários pessoais de Lucy apresentam uma peculiaridade, pois foram escritos em agendas – provavelmente sem intenção alguma por parte da autora – caracterizando o que Ramos (2000, p. 192; 194) assinala no seu artigo, de nova versão dos diários íntimos: “as agendas modernas”. Esse tipo de suporte, até então utilizado para registrar compromissos, tornou-se “um espaço de autobiografia em potencial”. Isso é percebido nos diários desta pesquisa, pois ao mesmo tempo em que a autora registra compromissos, data de provas, aniversários de amigos e familiares, também revela sentimentos, pensamentos, desejos, angústias, paixões, mesmo de forma fragmentada. Vejamos: “Aqui começo escrever na minha AGENDA. Espero que ela me seja útil. Quero que ela me traga muitas lembranças, saudades, alegrias, amizades, enfim, tudo de bom ou de sentimentos para não esquecer de nada.” (Diário de Lucy, 1992. P. 1).

Neste tipo peculiar de moderno suporte de registro do dia-a-dia encontramos pequenos textos e registro de compromissos, além de grande quantidade de colagens, desenhos, pinturas, poesias, músicas, fotos, embalagens de bombons, etiqueta de roupas e códigos pessoais. Toda essa linguagem escrita e ilustrativa contribui para entender a constituição do eu escritor e suas vivências (Ramos, 2000. p. 195). A rememoração dos fatos é guiada pelo ponto de vista do narrador no ato da escrita.

Seguindo este raciocínio, a palavra reflete os fatores sócio-culturais, políticos e pessoais do mundo no qual se insere o narrador. Neste sentido, a relembração é uma experiência social, coletiva, já que as lembranças também se fazem pelos outros, como afirma Maurice Halbwachs (1990. P.26) “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos.” Desta forma, a memória de uma pessoa está ligada à memória de um grupo, por sua vez inserida à memória coletiva. E mais, a memória autobiográfica está imbricada na memória histórica, já que, segundo Marina Maluf (1995, p. 35), a “história de uma vida é parte integrante da história mais geral”. Isto porque a memória pessoal necessita de lembranças que são invocadas através das referências da sociedade.

O enfoque com os diários íntimos serão baseados na metodologia sugerida por Maria



Teresa Cunha no capítulo *Diário pessoais: territórios abertos para a História* (2001), no qual a autora aponta maneiras de abordar os diários íntimos, para que o pesquisador não seja apanhado pelas armadilhas da subjetividade ou do efeito de verdade. Portanto baseado nesta leitura, o primeiro ponto desta pesquisa é a leitura dos quatro diários íntimos, de forma livre, sem fazer apontamentos ou observações. Os diários que serão pesquisados são os manuscritos originais, doados para pesquisa com autorização da autora. A escolha por apenas quatro diários, de um total de dez produzidos pela missivista, deu-se em razão das questões culturais e sociais bastante presentes no período de 1992 a 1996, além das transformações vividas na adolescência, a rotina da escola, amigos e família em Castanhal, a mudança de Castanhal para Belém, entre outros fatores reveladores do contexto social apresentado pela jovem, dos quais se observa menos frequentemente nos demais diários.

Cunha (2001) atenta que numa segunda leitura dos diários devemos perceber como os “atos de memória” e “redutos de expressões de sensibilidades que, mesmo em seus traços descontínuos, são modos de fazer e compreender a vida do dia a dia”. Também devemos estar atentos para as formas de registro dos acontecimentos. Nos diários de Lucy as formas são variadas, sendo textuais e fragmentadas em desenhos, códigos pessoais e colagens. É preciso problematizar o registro, percebendo até que medida as experiências individuais são experiências compartilhadas por um coletivo (Cunha, 2009. p. 260). Não podendo o historiador pensar que “cada problema histórico corresponde a um tipo único de documentos, específico para tal emprego” (Bloch, 2001. p. 80), é necessário o diálogo constante com outras fontes, no caso, secundárias, como revistas, jornais e entrevistas com os amigos, parentes, professores.

Cunha (2009, p. 260) ainda alerta que devemos evitar a ilusão biográfica, ou seja, as idealizações. Vale ressaltar, que um objeto é passível de diversas interpretações de acordo com o contexto social no qual se insere. No caso dos diários de Lucy, a análise se faz por meio das lembranças imbricadas a um “sentimento de realidade” ligado a um tempo e espaço dependentes dos acontecimentos físicos e sociais que estão relacionados à família, aos grupos sociais, à comunidade sendo reconhecidos por homens de sociedade, como nos diz Marina Maluf (Maluf, 1995). Sendo assim, o passado é evocado pelo presente porque ele se reconstitui pelas lembranças do presente, neste sentido a dimensão social da qual o indivíduo faz parte atua na

construção da memória e dos acontecimentos da vida desse sujeito histórico.

Além do conceito de Tania Ramos (2000), trabalharemos também com a categoria de análise de Contargo Calligaris (1998), “efeito de verdade”, já citado, como forma de perceber no diário uma construção de si inconsciente ou não por parte da autora. Pois normalmente os missivistas exibem em seus escritos traços de sua personalidade inibidos pelo cotidiano, pela família ou o meio social no qual se inserem. Sendo assim, o diário torna-se o “querido amigo” confidente do indizível, ferramenta do “aperfeiçoamento de si”, um “exercício de liberdade”, que interpretados por olhares menos atentos podem seduzir o leitor ao equívoco provocado por um “sujeito que se pretende sincero” (Henrique, 2009. P. 40;59). Neste momento de confissão, é possível perceber também crises somadas por longos anos que traduzem algum tipo de repressão social vivida pelo diarista que é revelada ao diário de forma secreta, sigilosa, como foi o caso do general Couto de Magalhães ao manifestar seus desejos sexuais pelos indígenas em linguagem nheengatu (Henrique, 2005. P. 292 e Machado, 2003. P.143).

A abordagem que pretendemos dar aos diários pesquisados é qualitativa, sendo que um único suporte do tipo pode ser alvo de diversas temáticas de pesquisa. Mas para este projeto é interessante trabalhar com os quatro disponíveis, uma vez que pretendemos perceber antes de tudo as permanências e mudanças de identidade, valores, planos da autora, pois cada transformação social, ligação social, a lembrança individual capta significados daqueles momentos e situações. Assim, a lembrança vai organizando pontos complexos do passado, que é “matéria-prima por excelência da memória e da história” (Maluf, 1995, p. 41).

As obras já publicadas resultantes de pesquisas com esse tipo de suporte serão fundamentais para amadurecer meu próprio trato metodológico com os diários de Lucy. Nesse sentido, aponto como referência o trabalho, já citado, de Tânia Regina Oliveira Ramos, que fez pesquisa com agendas de adolescentes entre 13 e 17 anos; Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (2000; 2002) e Maria Teresa Santos Cunha (2002), que trabalham com a escrita epistolar feminina. As demais leituras serão os trabalhos de Marina Maluf (1995), Philippe Lejeune (1997; 2008), Sérgio Barcellos (2006; 2007), Ângela de Castro Gomes (2004), Heloisa Pontes (2006), Márcio Couto Henrique (2005; 2009), entre outros. Todos consistem em trabalhos



feitos a partir de diários íntimos, tanto de anônimos como de personalidades famosas, que vão possibilitar maior conhecimento acerca dos tipos de abordagens feitas sobre esse tipo de fonte e a metodologia de pesquisa de cada autor.

Através da leitura de uma bibliografia específica buscaremos olhar para o documento como se fosse um monumento, buscando perceber a intencionalidade com que foi produzido, selecionado e preservado (Le Goff, 1990; Henrique, 2009). Diários íntimos são documentações impregnadas de subjetividade, como já foi dito, e em certa medida podem levar a uma relativização dos fatos, contudo, não podemos perder de vista que cabe ao historiador ter o olhar crítico diante das fontes. Segundo Bloch (2001, p. 71-72), sempre trabalharemos com os testemunhos do *outro* e os diários se tornam mais relevantes, pois nos registros podemos perceber através da impressão do *outro*: questões do cotidiano, de valores, de tradições.

De acordo com Le Goff (1990, p.547), “o documento não é inócuo. É antes de qualquer coisa o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram (...)”, portanto, cabe a intervenção crítica do historiador para buscar a(s) intencionalidade(s) com que foi produzido. Isto porque a história analisa a sociedade e os grupos que dela fazem parte sob perspectiva exterior, a memória analisa experiências pessoais a partir do grupo fazendo analogias para que seus membros se reconheçam. Então, a história vivida está dentro do conceito de memória coletiva.

É possível perceber, por conseguinte, que a dinâmica do grupo sempre busca o desenvolvimento de uma memória comum, a fim de buscar sua identidade. As várias experiências vividas por cada indivíduo de um grupo possuem sua própria temporalidade e sua própria história. Porém, as similitudes do passado possibilitam ao grupo o reconhecimento de sua identidade através do tempo. Sendo assim, segundo Maluf, a memória, elemento de unidade de um grupo, está imbricada num sentimento de tempo contínuo, fluido que age entre o que já foi vivido e o que se vive no presente. Isto fica claro nos diários de Lucy quando da mudança de Castanhal para Belém. Em novembro de 1993 ela escreve: “A mamãe e o papai chegaram de Belém 9:00h. Vamos mesmo embora. Vou deixar a minha vida pra trás. Acho que eu sou a pessoa mais infeliz do mundo. Vou deixar meus amigos mais chegados.” (Diário de Lucy, 1993. P. 329). Nesta continuidade temporal se sustenta o grupo, capaz de recuperar do passado aquilo

que está vivo. E isto é função do historiador, interpretar os significados do passado a partir dos fatos do presente, assim como se faz a relembração.

Daí o cuidado do historiador em analisar o documento levando em consideração as interferências sociais que sofre, pois a história analisa e critica os cortes temporais, problematizando a memória, tornando o passado uma representação, a fim de entendê-lo e torná-lo inteligível (Nora, 1984.p. 19). Além disso, separa os fatos, seleciona acontecimentos, reconstrói criticamente os acontecimentos para confrontá-los analiticamente. Como afirma Peter Gay: “os homens, nem mesmo os loucos, não inventam simplesmente seu mundo. Os materiais que empregam para construí-lo são quase todos de domínio público.” (Gay, 1989. p. 20).

Apesar do foco da pesquisa ser o uso de diários pessoais como fonte para a História, não deixaremos de abordar questões relativas à adolescência, principalmente, as formas de constituição de identidade e o significado da escrita de diário na puberdade. O diálogo será com a Psicologia, principalmente, com os trabalhos de Maria Celina Peixoto Lima (2007) sobre escrita feminina adolescente e os seus principais dilemas, além do artigo de Nádia Lima e Ana Bezerra (2009) sobre a escrita de diários íntimos no período da puberdade feminina. Cabe observar que não pretendo fazer uma leitura psicologizante dos diários ou uma psico-história. O diálogo com a Psicologia se dará no sentido de ampliar o olhar do historiador, principalmente naquilo que a Psicologia nos ajuda a entender o diário em sua dimensão social.

1. Fontes

1.1 Diários


Diário de Lucy, 1992. Acervo pessoal Márcio Couto Henrique.

Diário de Lucy, 1993. Acervo pessoal Márcio Couto Henrique.

Diário de Lucy, 1994. Acervo pessoal Márcio Couto Henrique.

Diário de Lucy, 1996. Acervo pessoal Márcio Couto Henrique.

Ano/ idade da autora	Temáticas predominantes	Síntese do conteúdo
Diário de 1992 (01 jan. a 31 dez.) 13 anos	Memória; meio ambiente; religião; escola; família.	O primeiro diário é uma “coleção de si” feita pela autora, registra

 XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS · 27 A 31 DE JULHO DE 2015 · FLORIANÓPOLIS - SC		
		acontecimentos importantes, tanto íntimos como coletivos, bem como greves de bancos e acontecimentos políticos.
Diário de 1993 (01 jan. a 10 dez.) 14 anos	Paixões adolescentes; escola; família; amigos.	O segundo diário é uma agenda que a adolescente permanentemente carrega consigo, registrando compromissos. Este é o suporte em que mais encontramos colagens, desenhos, fotografias, e pequenos objetos.
Diário de 1994 (01 jan. a 31 dez.) 15 anos	Cotidiano; escola; amigos; namorado; crises existenciais; conflitos adolescentes; medos; planos.	O terceiro diário é escrito em suporte apropriado, no qual a autora demonstra mais maturidade, agora com 15 anos, percebemos que os problemas da fase adolescente, como medos, angústias, conflitos são presentes.
Diário de 1996 (01 jan. a 31 dez.) 17 anos	Crises existenciais; namorado; escola; mudanças de cidade.	Também escrito em suporte apropriado. Vemos claramente as mudanças e permanências da autora. Alguns temas mudam, contudo, a escola e os amigos ainda são assuntos que predominam nos registros.

1.2 Periódicos

Jornal *O Liberal*, caderno sobre cultura, caderno sobre política, caderno sobre esportes, caderno sobre atualidades, 1992-1996. A seleção destes cadernos se dá pela possibilidade de encontrar neles fatos contemporâneos à realidade da autora a fim poder compreender a influência destes acontecimentos no cotidiano dela.

Jornal *Diário do Pará*, caderno sobre cultura, caderno sobre política, caderno sobre esportes, caderno sobre atualidades, 1992-1996. A seleção destes cadernos se dá pela possibilidade de

encontrar neles fatos contemporâneos à realidade da autora a fim poder compreender a influência destes acontecimentos no cotidiano dela.

Revista *Isto É*, 1992-1996. A seleção desta revista se dá pela possibilidade de encontrar nelas fatos contemporâneos à realidade da autora a fim poder compreender a influência destes acontecimentos no cotidiano dela. Os recortes da revista são freqüentes nos diários.

Revista *Veja*, 1992-1996. A seleção desta revista se dá pela possibilidade de encontrar nelas fatos contemporâneos à realidade da autora a fim poder compreender a influência destes acontecimentos no cotidiano dela. Os recortes da revista são freqüentes nos diários.

1.3 Entrevistas

Cogita-se a possibilidade de realizar entrevistas com parentes, amigos e professores da adolescente, mas isso dependerá da autorização da autora dos diários. As entrevistas podem facilitar o entendimento da construção da identidade da adolescente, haja vista que a presença e opinião dessas pessoas influenciava Lucy em suas decisões.

2. Bibliografia Citada

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. IN: *Estudos Históricos*, nº 21, p. 9, 1998. Disponível em: <http://virtualbib.fvg.br/ojs/index.php/reh/article.view/2016/1200>. Acesso em 15 de agosto de 2011.

ALBERCA, Manuel. La escritura invisible: testimonios sobre el diario íntimo. España: Sendoa, 2000 Apud CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

BARCELLOS, Sérgio. *Aproximações: teorias contemporâneas da literatura, identidade e diários*. Terra Roxa e Outras Terras, v. 9, 2007, p. 44-56.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, PP. 183-91.

BLOCH, Marc. A observação histórica. IN: *Apologia da história, ou O ofício do historiador*. RJ:



Jorge Zahar Editora, 2001.

CAIROLI, Priscilla e GAUER, Gabriel Chittó. A adolescência escrita em blogs. *Estudos de Psicologia I*. Campinas I 26(2) I 205-213 I abril - junho 2009.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser. IN: MIGNOT, A. V. et. al. (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, p. 203-228, 2000.

_____. Escreva-me urgente... Um estudo dos elos comunicativos na carta. IN: : BASTOS, M. H. C. [ET. AL] (orgs.) *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, p. 159-180, 2002.

BARCELLOS, Sérgio. Aproximações: teorias contemporâneas da literatura, identidade e diários. *Terra Roxa e Outras Terras*, v. 9, 2007, p. 44-56.

BASTOS, Maria Helena. Camara. ET. AL. (orgs.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, p. 159-180, 2002.

CASTRO, Celso. O diário de Bernardina. IN: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, pp. 229-239.

CATELLI, Rosana. Práticas femininas da memória paulista: uma leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves. In: *cadernos pagu: gênero, narrativas, memórias*. PAGU – núcleo de estudos de gênero. UNICAMP, Campinas, São Paulo. 1997.

CHIARA, Ana e ROCHA, Fátima Cristina Dias (orgs.). *Literatura Brasileira em Foco: Escritas da intimidade*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2009.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O Historiador e suas fontes*. Editora Contexto, 2001.

_____. Por hoje é só... Cartas entre amigas. IN: BASTOS, Maria Helena Camara. [ET. AL]



(orgs.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, p. 181-204, 2002.

DAMIÃO, Carla Milani. *Sobre o declínio da sinceridade: filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FARIAS, Cláudia Maria de. Entre lembranças e silêncios: reflexões sobre uma autobiografia feminina. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 238-257.

FRANCO, Mariana Pantoja. Histórias de Ivanilde no Alto Rio Juruá. IN: *Cadernos Pagu: gênero, narrativas, memórias*. São Paulo: Publicação do PAGU – Núcleo de estudos de gênero/UNICAMP, 1997. PP. 115-158.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. pp. 7-24. IN: _____. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

GONTIJO, Rebeca. Coração: um diário, vários tempos e algumas histórias. pp. 49-70. IN: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos Rocha; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs.). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo. Vértice, 1990.

HENRIQUE, Márcio Couto. Um toque de voyeurismo. In: *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(2): 285-303, 2005.

_____. *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*. Tese (doutorado em Antropologia). Belém: PPGCS/UFPA, 2008.

_____. *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

_____ e SULIMAN, Sara da Silva. Diário íntimo: fonte de pesquisa e instrumento pedagógico. *Anuário de literatura*, Florianópolis, v.17, n. 2, p. 27-44, 2012.



LAPA, José Roberto do Amaral. O imperador e o cotidiano. IN: _____. José Roberto do Amaral. *A História em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 116-129.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. IN:_____, Jaques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão ET. AL.. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. e trad. Jovita Maria Gerheim Noronha ET. AL. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Maria C. Peixoto. A escrita adolescente como cena dos impasses do feminino. *Revista Mal-estar e subjetividade* – Fortaleza – vol. VII – Nº 1 – mar/2007 – p. 29-43.

LIMA, Nádia Laguárdia de e SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. A escrita íntima na puberdade: a tessitura de um véu no encontro com o feminino. *Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*. Volume IV, nº 08, maio a out./ 2009.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. A sensualidade como caminho. Notas sobre diários e viagens. *Revista Usp*, São Paulo, n.58, p. 134-147, junho/agosto 2003.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Diário íntimo*. Org. por Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARIA, Antônio. *Diário de Antônio Maria*. Apresentação de Joaquim Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire. In: *Lês Lieux De Mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.

OVIANO, Lúcia H. da Silva. Escrita e subjetividade feminina: um mundo de papel e tinta construído no diário de Helena Morley. *Revista de Artes e Humanidades*, n. 6, maio-out./ 2010.

PANTOJA, Mariana. Histórias de Ivanilde no Alto Rio Juruá. IN: *Cadernos Pagu: gênero, narrativas, memórias*. São Paulo: Publicação do PAGU – Núcleo de estudos de gênero/UNICAMP, 1997. PP. 115-158.



PESAVENTO, Sandra Jatahy Apud CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O Historiador e suas fontes*. Editora Contexto, 2001.

PONTES, Heloisa. Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo. *Cadernos Pagu* (26), jan.-jun. 2006: pp.431-441.

VARGAS, Getúlio. *Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995

THIES, Vania. Grim & PERES, Eliane. Quando a escrita ressignifica a vida: diários de um agricultor - uma prática de escrita masculina. *Revista Brasileira de Educação*. v. 17, p. 216-231, 2009.

RAMOS, T. R. O. Querido diário: agenda é mais moderna. IN: MIGNOT, A. V. [ET. AL.] (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, p. 191-202, 2000. (p.192 e 194).

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Bibliografia levantada

BACELLAR, Carlos de A. P. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

BARCELLOS, Sérgio. Diários íntimos: documentos para uma História. *Texto Vivo, Narrativas da Vida Real*, Rio de Janeiro, v. n/a, p. n/a, 2006.

BORGES, Vavy Pacheco. Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). *Cadernos Pagu*, v. 19, 2002. PP. 113-143.

BURKE, Peter. Abertura: A nova escola, seu passado e seu futuro. IN:_____, Peter. *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, p.7-38, 1992.

_____. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.



CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CELSO, Affonso. José Vieira Couto de Magalhães. Subsídios para uma biographia. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1898.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. IN: *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. *Critérios de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/flp10-11/fachin.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2011.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. (Publicações Técnicas, n. 53).

FURTADO, Júnia Ferreira. Testamentos e inventários: a morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. IN: *o que é um autor?* Lisboa: Vegas, Passagens, 1992.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

HENRIQUE, Márcio Couto. O General e Os Tapuios: linguagem, raça e mestiçagem em Couto de Magalhães (1880-1887) (dissertação). UFPA, 2003. (mimeo).

_____, Histórias em nheengatu: Couto Magalhães, entre o inventário e a tradução cultural. (monografia, especialização). UFPA, 2001. (mimeo)

HOBBSAWN, Eric. *Sobre história*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

JESUS, Maria Carolina de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática,



2001.

KNAUSS, Paulo de Mendonça. Documentos históricos na sala de aula. *Primeiros Escritos*, Rio de Janeiro, n. 1, jul./ago. 1994. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/primeirosescritos/sites/www.historia.uff.br.primeirosescritos/files/pe01-3.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2011.

LE GOFF, Jacques. Os sonhos na cultura e na psicologia colectiva do Ocidente medieval. IN: *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa, Editorial Estampa, 1993 (1977).

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: Constituição e transgressão de um gênero literário. *Cadernos Pagu* v.8/9 p. 99-114, 1997.

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro, Record, 1997.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.